



## O CAVALLO DOMESTICO.

Mas ja correr diviso nas campinas  
 O formoso animal, que abrindo a terra,  
 C'um golpe de tridente, á luz do dia  
 Deu das ondas o nome soberano,  
 Tu, conquista completa dos humanos,  
 Cavallo docil, vivo, activo, e forte,  
 Dos quadrupedes rei pela elegancia;  
 Em quem da escravidão não pôde o jugo  
 Destruir o valor, manchar a audacia

GEORG. PORTUG. POR MOSINHO D'ALBURQUERQUE, CANTO V.

O cavallo reduzido ao estado de domesticidade é, como observou Buffon, a conquista mais bella que o

Vol. V. — 3ª. SERIE.

homem fez no reino animal. Todos conhecem, todos admiram as formas engraçadas e symetricas, a velocidade, a força, a docilidade d'esta nobre creatura; porém, poucas pessoas tem reflectido sobre a importancia que o cavallo representa na historia humana; poucas pessoas consideram que se ainda não estamos na barbaria rustica de nossos primeiros antepassados, se gozamos de todos os beneficios da civilização, devemos isso em grande parte ao nobre animal de que fallamos. O nosso reconhecimento não se tem manifestado, salvas as excepções, na generalidade de nossos actos a seu respeito; e pode recear-se até certo ponto que os seus serviços esqueçam agora que vos.

MAIO 10, 1856.

C. M. L.  
 GABINETE  
 DE ESTUDOS  
 OLISIPONENSES

mos com a rapidez do vento transportados pela acção do vapor.

Nem a historia sagrada nem a prophana nos ensinam quando e em que região o cavallo foi pela primeira vez submettido á vida domestica, se a principio serviu para transportar cargas ou para levar cavalleiros; é provavel que ao mesmo tempo fosse empregado n'estas duas tarefas, e tambem é provavel que o fosse simultaneamente em diversas partes do mundo. Todavia o que muito custa a comprehender é o longuissimo lapso de tempo decorrido d'esde a domesticidade do animal, de que ha vestigios nas historias primitivas, até os processos e inventos inherentes á arte da equitação e que modernamente atingiram o seu grau superior de aperfeiçoamento. Correram annos e tanto os gregos civilizados, como os povos mais rusticos da America do norte, até onde attingem as nossas noticias, montaram a cavallo sem sella nem freio, guiando os seus corseis por meio da voz, da mão, ou d'uma leve chibata; tocavam no animal na direita ou esquerda da cabeça para o encaminharem ao lado opposto, faziam-no parar sustentando a cabeça, e impelliam-no a pancadas do calcancar. Era mister que os cavallos fossem muito ensinados para se deixarem governar por meios tão simples na violencia da carreira ou no tumulto da batalha; porém, taes são a attenção, a docilidade, a memoria d'este animal que seria difficil saber qual a cousa que d'elle não se poderia obter. A final inventaram-se as rédeas e o freio; porém, decorreram seculos antes de usar aparelho que se podesse denominar sella. Os cavalleiros sentavam-se n'umas mantas mais ou menos acolxoadas, e sobre pelles de animaes ferozes, de ordinario ricamente ornadas, mas sem estribos. É facto singular que os romanos, na epocha em que o luxo chegara ao requinte n'este povo soberbo, nunca se lembraram d'um expediente tão simples para ajudar o cavalleiro a montar, para diminuir a fadiga e assegurar o equilibrio, não obstante a circumstancia de resultarem do habito de ter a cavallo as pernas penduradas enfermidades dolorosas. Pelos antigos baixos-relevos, que ainda se conservam, vemos que em quasi todos os paizes os cavalleiros montavam do lado direito do animal, para melhor se agarrarem ás clinas que pendem d'este lado; porém, esta auctoridade classica não obsteu ao uso contrario. Os heroes da antiguidade, segundo as narrações que possuímos, saltavam para cima dos cavallos, ou se firmavam na lança, se atrasiam, e que era guarnecida, a tres palmos da extremidade inferior, d'uma pequena travessa que lhe servia de degrau.

Havia cavallos que estavam adestrados a curvarem-se, e até ajoelhar, para receberem o cavalleiro. Tanto em Roma como na Grecia, os magistrados policiaes tinham incumbencia de mandar por nas estradas em certas distancias poiaes para se montar a cavallo. Mas, os patricios, os nobres, achavam mais conveniente á sua dignidade servirem-se de degraus vivos, e cavalgar firmando o pé sobre as costas de escravos prostrados no chão; outra casta que não podia ter este luxo trazia uma pequena escada, estravagante appendice de uma equipagem de cavalleiro. Que exemplo de aviltamento em que decahira a Roma imperial, quando um orgulhoso monarcha persa fez que substituísse o costado de um vil escravo, o dorso do imperador Valeriano! A invenção dos estribos tirou á soberba humana todo o pretexto para prostituir assim a imagem do creador; em vez de apresentar as costas, o servo passou a segurar o es-

tribo. Na idade media, os grandes compraziam-se exigindo dos seus rivaes abatidos este signal de servilismo; imperadores d'Alemanha seguraram os estribos ao papa, e Henrique 2.º d'Inglaterra, quando nutria o rancor mais violento contra Thomaz Becket (S. Thomaz de Cantuaria) julgou amaciar este prelado por meio daquella demonstração de respeito.

O uso da sella é mencionado pela primeira vez, em termos procizos, n'um edicto do imperador Theodosio, no anno de 385, pelo qual se vê que os que tomavam cavallos de posta forneciam ordinariamente as sellas. O edicto prohibe aos viajantes usarem de sellas que pesem mais de sessenta libras! Estes enormes aparelhos deviam parecer-se com os que se põem ás costas dos elephantes, sem a mais leve parecença com os elegantes sellins, que ora se usam. Crê-se que felizmente para os soldados d'essa epocha não se tinha ainda imaginado o castigo militar de carregar com a sella; pena que depois foi infligida, por infracção de disciplina, aos cavalleiros ainda na idade media: punha-se-lhe ás costas uma sella com freios e outros aessorios, e o delinquente era obrigado a caminhar assim aparelhado por certo espaço de tempo, exposto aos motejos de quantos o encontravam.

As sellas para poderem as senhoras montar a cavallo são de invenção de uma data comparativamente moderna. A primeira que appareceu em Inglaterra foi feita para uso da rainha Anna da Bohemia, esposa de Ricardo 2.º, e ainda assim é provavel que se parecesse mais ás cadeirinhas, de que usavam nossas avós, ás vezes cingidas por uma correia que atravava dos braços do assento collocado no corpo do cavallo a cintura da pessoa.

O uso de ferrar os cavallos é posterior muitos seculos ao emprego que geralmente se fez d'estes animaes; e de facto a necessidade de lhes proteger os pés só foi reconhecida quando os caminhos batidos e as calçadas vieram a ser communs: o primeiro expediente foi uma imitação do calçado da gente, uma especie de sandalha de esparto, cordas, ou couro.

Mais tarde empregou-se o ferro em formas mais ou menos geitosas; o prodigo Nero mandou por ferraduras de prata nos seus cavallos, e a imperatriz Poppea empregou ouro no mesmo uso. Mas essas sandalhas eram pouco seguras e ficavam muitos vezes enterradas na lama; e por isso não as punham ordinariamente nos pés dos cavallos senão nos peiores sitios das estradas. Parece que tambem defendiam imperfeitamente os cascos; e de forma, que por occasião do cerco de Cyzico, Mithridates, na sua primeira guerra contra os romanos foi obrigado a fazer voltar para a Bithynia toda a sua cavallaria, porque os cascos dos animaes estavam inteiramente gastos.

N'este caso, como a respeito da sella sem estribos, custa a comprehender que os homens continuassem por espaço de mais de mil annos amarrando com cordas e faxas, chapas de metal aos pés de seus cavallos, e não se lembrassem, vendo a inefficacia d'aquelles meios de segurar com os cravos essas chapas. Se reflectirmos nas faculdades inventivas do homem, nada, com effeito, tão prodigioso como a sua falta de invenção, e o espirito dos habitos inveterados que o obrigam a fazer durante uma serie de gerações cousas mui absurdas, meramente pela força do costume e ausencia de reflexão! Decorreram seculos em que o genero humano esteve separado por veus quasi transparentes de alguns descobrimentos que mais contribuíram para as commodidades da vida. Possuímos a gomma elastica d'esde a epocha da explo-

ração da America, e ainda ha bem poucos annos apenas servia para apagar os traços do lapis no papel.

Voltando ao assumpto: as diversas applicações do cavallo exigem variedades correspondentes nas suas formas e proporções. Os cavallos empregados em puxar os carros dos fabricantes de cerveja em Londres são soberbos gigantes; mas, a sua belleza não é a do cavallo das corridas de Newmarket, o que n'uma especie é boa qualidade pode ser defeito na outra. Assim, um cavallo de sella deve ter as mãos ou pés dianteiros perfeitamente aprumados. Se a linha lançada da espadua ao casco inclina para dentro da perpendicular, o cavalleiro deverá ter muito tento, porque lida com um cavallo sujeito a tropeçar. Um cavallo de tiro, pelo contrario, deve quando está em descanso inclinar um pouco as mãos para diante: esta porção de seu proprio pezo que vergar sobre os joelhos o cavallo de sella mal configurado, é levada pelo cavallo de tiro de encontro ao peitoral e o ajuda no trabalho. Vede uma parelha que forceja por tirar-se d'um atoleiro: os cavallos atiram-se com tal força que necessariamente cahiriam se não fossem retidos pelos tirantes; succede em tal caso como a um homem alando um barco por meio d'um cabo. Outro exemplo: o cavallo de caça e o de correr tem ambos por qualidade essencial a velocidade; porém, distinguem-se por certas particularidades de formação adaptadas ao seu respectivo destino; o cavallo de caça precisa de muita força e flexibilidade na dianteira para resistir á contra-pancada que recebe quando toca a terra tendo saltado um tapume ou uma valla. No cavallo de correr, pelo contrario, o vigor principal ha-de residir na parte posterior, para sustentar o animal no galope e impellil-o para a frente, n'este caso a dianteira com pouca elevação serve para facilitar e accelerar o movimento de toda a maquina. O galgo tem os pés dianteiros mais curtos que os de traz; a differença ainda é mais sensivel na lebre, e é extraordinaria no kangaroo, cuja corrida é uma serie de saltos prodigiosos. O celebre cavallo *Eclipse*, que nunca foi vencido nas corridas em Inglaterra, era muito rasteiro na parte dianteira, e mais levantado da garupa.

(Continúa.)

## FASTOS AÇORIANOS.

### III.

#### PETAS DE ABRIL.

(Continuação.)

As epochas de adiantada civilisação tendem a fazer semelhantes os costumes de povos diversos

A. HERCULANO — HIST. DE PORTUGAL.

A civilisação do povo levanta-se como estatua no pedestal das tradições. Nos seus costumes e crenças nos reflecte, como em espelho ardente, a antiguidade de sua origem, ou as relações contrahidas; d'aqui vem o descobrirem-se principios, especie de dogmas, communs á vida particular de muitos povos.

Esboçemos mais uma feição da monotona vida insular.

De Roma, que as herdara da Grecia, que as herdara não se sabe d'onde, nos passaram saturnaes e lupercaes, symbolo do principio da liberdade publi-

ca. Em todas as transformações da vida social se vêem respeitadas as immunições da multidão, e perfilhados seus prejuizos, se, por innocentes, pouco significativos para a acção ou reacção, ainda assim grandemente valiosos para compor a sua existencia fausta e commemorativa. Nem caminhos de ferro, nem telegraphia electrica havia para que a toda a parte chegassem doutrinas e crenças remotas; mas, sem que se advinhe como, em echos successivos se disparou pelo mundo a mesma idéa de que a humanidade não só vive para o trabalho, mas tambem para o goso: idéa que ou se radicasse nos espiritos com o colorido caprichoso do pantheismo, com a candura insinuante da philosophia christã, ou com o desultorio e extravagante enredo da idolatria, é sempre a mesma e inalienavel na substancia e no intuito.

O senso intimo disse ao homem «trabalha, gosa sem destruir-te, e aspira á perpetuidade da memoria» (que não é outra cousa senão a eternidade da Redempção:) a philosophia deu corpo e foros a esta legislação da natureza; a historia lhe conserva o espirito nas pégadas, mais ou menos salientes, pelos caminhos ora rectos ora transviados, d'este gigante projecto, mas ainda assim incessante e sempre novo, a que chamam humanidade. O goso é paga do trabalho: a historia que passa da individualidade á communidade, e n'ella se perpetua, é essencia do goso. É mal do homem cujo goso é tão raro, se a memoria lhe não trouxesse conforto, e elementos com que phantasiar ou recompor o que a realidade lhe negou, ou a actualidade lhe rouba! Que feliz condão este da memoria e do espirito! Póde viver-se no presente evocando o passado; póde fazer-se presente o futuro, compol-o a belpraser, impor-lhe o capricho como lei, fazer-se obedecer e servir por elle; que tudo é goso, e não menos goso o que a imaginação se compraz inventar e fazer tal. É por isso que tambem a sociedade, que herdou sorte pesada, creou nos seus delirios de mocidade essa phantasmagoria de seres vaporosos, que se escondem no espaço, mas que surgem á primeira invocação, para dissipar-lhe as amarguras ou o cansaço; como ao musulmano aborrecido servem musicas e dansas de houris.

Pede o trabalho o goso. Após o guerreiro entusiasmo de Roma pagã bailaram-se festas extravagantes, teceram-se coroas ás representações licenciosas de Plauto e Accio. Assim é o mundo e a humanidade; assim é a sociedade, mau-grado suas tão variadas pretensões e transformações; assim é o tempo, a despeito da desigualdade dos ciclos.

A nos, homens de hoje, deixou o passado as reliquias do seu passado. É dever nosso legar a nossos filhos todo este thesouro de memorias. Algumas folhas dispersas d'esta historia ingenua das poucas alegrias da multidão, serão para o povo insular, como biographia de ascendentes, recordação da amizade e da familia. Deixamos que na sala mysteriosa da *Espada-de-Brenus* se archivem documentos de supplicio e escravidão; calamos essa tão longa e tão sabida litania de martyrios, para que inda mal que por poucas horas respiremos o aroma festival da liberdade.

Março espira; bate-nos á porta abril, e com o primeiro alvorecer as petas, nova commemoração de costume provincial.

Com o momento incomprehensivel que abriu o novo dia se afogueam mil almas amorosas, incendiadas á força de mocidade. E porque não seria assim? Nenhuma poesia ha nem mais ingenua, nem mais

irresistível do que a que germina nos poucos annos que pelo muito sentir não deixam grande margem á reflexão. De moços é o viver em illusões; os desenganos são herança de velhos, que depois das furiosas tempestades do mundo volvem á realidade, despertos de sonhos e deleites, acercados das misérias, do pezo dos achaques, da solidão da vida positiva do homem gasto. Inda bem que no meio de tanta decepção e desengano as *petas* parecem conforto a todos, thema a invenções extravagantes, exercicio benefico da imaginação, e mais um dos poucos mysterios das alegrias populares.

As *petas* vae a magua buscar alivio d'algumas horas, alguns momentos de doce esquecimento, colhendo o desprecatado boquiaberto em contemplação ridicula, adrede preparada; armando com laços de verosimilhança logros á sinceridade alheia; indusindo credulos em marchas, sobre inuteis, forçadas, peniveis muitas vezes! O primeiro dia d'abril é martyrio de creados, e desapontamento d'amos; é o dia fatal do livre curso e cambio de mentiras intencionaes; é supplicio de desprevenidos. Brindes, e convites falsos fervem entre conhecidos e desconhecidos: a urtiga e a lesma tomam lugar de couçoadas; o murganho saltitante vae porta em porta e mão em mão gerando sostos e desmaios nas medrosas ridiculas, sempre accito e visto com curiosidade, mas sempre repellido. Que hilaridade a de vencedores, que vergonha a de vencidos!

Mas, que quererá dizer tudo isto? qual origem terá esta conspiração de mutuos enganos?

De cá nada saberemos diser, mas é sem duvida que lhe usam chamar francezes peixe de abril, dando-lhe por origem ter Luiz XIII de França mandado guardar á vista, prisioneiro no castello de Nancy, um principe de Lorena, que burlando a diligencia dos guardas, pode evadir-se no primeiro d'abril, passando a nado o rio Meuse; parecendo que d'aqui viera dizerem lorenenses que «c'était un poisson qu'on avait donné a garder aux français». — Seja, porém, como for, é indubitavel, que no nosso vocabulo *peça*, ha a coincidencia não só de significar mentira logrativa, mas tambem um peixe, por outro nome *petorra*.

Bellingen, na sua *Étymologie des proverbes français*, quer explicar o costume por modo de mais universal comprehensão, e pretende que as *petas* d'abril sejam como annuncio da Paixão de Christo, que costuma commemorar-se cerca do primeiro d'aquelle mez, e em allusão ás impias, dolorosas jornadas que os judeus para zombarem e escarnecerem d'elle o obrigaram a fazer em Jerusalem, do palacio d'Annás ao de Caifas, d'este ao de Pilatos, d'este ao de Herodes, e alfim, d'esta segunda vez ao de Pilatos. «Por isso — escreve o philologo francez — tomaram este ridiculo, ou, melhor, impio costume de fazer correr e recorrer d'um logar a outro aquelles de quem se quer escarnecer. . . »

Entretanto (à parte a disputa da sua origem) não se póde dizer que deste costume restem nas ilhas vestigios historicos ou tradicionaes. Á falta d'outros, da memoria dos mais velhos tirámos argumentos. A popularidade d'este costume não remonta, entre michaelenses, a tempos esquecidos, e ainda ha quem testemunhe, que é d'este seculo ter a liberdade das *petas* descido dos circulos privilegiados para o dominio de todos. Ciosos das reliquias do passado, descontentes do novo espirito que se propunha transformar a sociedade moderna destroçando os elementos velhos, inthesouravam crenças e tradições, para

livral-as da torrente que promettia sovertel-as... E livraram-nas, e passaram sem mancha nem diminuição as centelhas da unica liberdade antiga!

(Continúa)

JOSÉ DE TORRES.

## VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XV.

A MUSICA DA CAPELLA REAL. — O ARCEBISPO MINISTRO. — PROPOSTA DE JORNADA A MAFRA.

26 d'Agosto de 1787.

A musica de capella da rainha de Portugal é por certo a primeira na Europa quanto a excellencias vocaes e instrumentaes; nenhum outro corpo semelhante, nem a capella pontificia, appresenta uma tal reunião de admiraveis musicos. Para onde quer que sua magestade vae estar, elles acompanham-na, ou á caça d'altaneria em Salvaterra ou á busca de saude nos banhos das Caldas; até para o meio destas agrestes fragas e montanhas vem cercada de um córo de mimosos cantores, que engordam como codornizes e gorgeiam com tanta melodia como rouxinoes. Os rebecas e rebecões de sua magestade deixam a perder de vista todos os de primeira ordem, e o seu viveiro de tocadores de oboés e flautas não tem rival.

O Marquez de M. . . na qualidade de primeiro camarista e estribeiro mór e tambem como primeiro valido entre os nobres, goza decisiva influencia sobre todo aquelle imperio de vozes harmoniosas; e teve para comigo tanta bondade que me facilitou participar dessas bemaventuranças musicas, sendo permitido desfructar, onde me aprouvesse, uma banda escolhida de tão estupendos executantes. Exactamente na manhã d'hoje, e para minha vergonha o consigno, passei quasi horas e horas, no meu pavilhão de novo composto, sem lér uma palavra, escrever uma linha, ou entrar em conversação, absorvidas todas as minhas potencias d'alma na harmonia dos instrumentos de vento, postados os instrumentistas a distancia n'um maciço de lorangeiras e loureiros; não por falta de proposito ás vezes de me esquivar á magia dos tons; mas tantas vezes voltava quantas forcejei por evadir-me. Se eu consultasse samente o meu entendimento despediria os musicos; os seus insinuantes tons maviosos despertaram-me longa serie de melancolicas lembranças, e pela força das ideias associadas prostaram-me em estado de abatimento e tristeza.

O meu excellente amigo, o prior d'Aviz praticou um verdadeiro acto de amizade, tirando-me quasi á força do meu retiro e subtrahindo-me aos meus devaneios: insiste que o acompanhe a casa do arcebispo, onde vae fazer-se o ensaio de um conselho que devia celebrar-se perante a rainha, e para isso estão reunidos os ministros d'estado com os seus sub-secretarios. Taes congregações são novas para o bom do velho confessor, que acaba de ser investido da suprema direcção do gabinete (segundo as informações que tenho) muito contra sua vontade: bem conhece quanto valem a commodidade e o socego, para deixar de lamentar tão violento desvio dos seus ordinarios habitos de viver. Achámolo, portanto, como era de esperar, inquieto e irritado, rubro até a raiz do cabello, cór que muito e muito contrastava com seus largos vestidos de flanela branca, que elle amiu-

do sacudia e amarrotava, batendo mais de uma vez com vehemencia na volumosa barriga, que, não obstante declarar elle ter esperado uma hora fóra do costume para sua completa repleção, de nenhum modo soava como tonel vasio. Comtudo o rifão velho « pancia gorda cabeça ouca » — não lhe póde ser applicavel; foi tão benigno e confidencial que me expoz ao summario o que lhe haviam representado as diferentes repartições publicas, e fê-lo com muita clareza e tino. Não obstante o interesse que devia excitar esta singular communicação, não lhe prestei metade da attenção que merecia; ainda me dominavam as impressões que de manhã recebera da musica de Haydn e Jomelli. O grão-prior, conhecendo que a politica não as dissiparia, foi consultar o seu sobrinho, que aconteceu achar-se então no aposento da rainha, e voltou com a proposta de que tendo eu ha muito expressado o desejo de vêr Mafra, se pozesse em execução amanhã este intento: assim o ajustámos.

## LEMBRAS-TE

Diz-me Julia, não te lembras  
Da nossa aurora de amor,  
D'aquelle beijo primeiro  
Dado com tanto temor;  
Palavras apaixonadas  
De beijos entrecortadas.  
E tuas faces coradas  
De virgindade e pudor?

Como era bello esse tempo  
Em que tudo nos sorria!  
Os campos tinham mais vida,  
As tardes mais poesia,  
As noites eram formosas,  
As brisas voluptuosas,  
O jardim tinha mais rosas,  
O bosque mais harmonia!

Os dias eram mais curtos,  
As horas... essas fugiam,  
Os regatos murmuravam,  
As fontes já não gemiam:  
O porvir era brilhante,  
De sonhos, embriagante,  
E lá na praia distante  
As mesmas ondas dormiam!

Era vida, mocidade,  
Era amor, era ternura,  
Em cada hora — uma esperanza,  
Cada dia — uma ventura,  
Cada rosa — uma illusão;  
Nos labios — uma canção,  
Aqui no peito — um volcão,  
Em ti Julia, — a formusura!

Mas diz-me tu não te lembras  
D'aquella tarde de Abril  
Em que eu mirava gostoso  
Esse teu rosto gentil?  
D'aquella tarde formosa  
Em que a brisa era amorosa,  
Em que a fonte era saudosa,  
Em que o céu era d'annil?

N'um jardim todo florido  
No mesmo banco sentados,  
Não te lembras dos olhares  
Ardentes, apaixonados?  
Como eu sorvia anhelante,  
Quasi louco, delirante  
O sorrir interessante  
De teus labios tão corados?

Os teus olhos eram — chammas,  
A tua bocca — um portento,  
As tuas faces — mimosas,  
Tua expressão — sentimento:  
Eu olhava extasiado,  
Eu soffria callado  
Esse sentir abrazado,  
Esse amor que era — tormento!

Os olhos então fallavam  
Uma sublime lingoagem,  
Modulada pelas queixas  
Que soltava a branda aragem,  
Embalando docemente  
Ora as agoas da corrente,  
Ora uma rosa indolente,  
Ora do choupo a folhagem.

Pouco a pouco embriagado  
Dos teus olhos no fulgor,  
Uni meus labios aos teus  
Que abrasavam de calor.  
Como coraste de pejo  
Ao matar esse desejo...  
Como foi longo esse beijo,  
Primeiro beijo de amor!...

Diz-me Julia, não te lembras  
D'aquella tarde de Abril  
Em que eu mirava gostoso  
Esse teu rosto gentil?  
D'aquella tarde formosa  
Em que a brisa era amorosa,  
Em que a fonte era saudosa,  
Em que o céu era d'annil?...

Março 1856

CASIMIRO ABREU

## BIBLIOGRAPHIA,

A LITHOGRAPHIA, ENCYCLOPEDIA INDUSTRIAL.

Recbemos o prospecto de um Jornal com este titulo, que se deve occupar especialmente de objectos relativos ás diversas artes liberaes e mechanicas.

A Lithographia promette apresentar nas suas columnas, biographias, descripções de monumentos, artigos de modas, peças de musica etc. alem da doutrina puramente restricta ao fim do jornal, isto é artigos sobre duração, origem e melhoramentos de todos os ramos artisticos, procurando reunir-lhe estampas e vinhetas appropriadas á índole dos mesmos artigos.

Publicar-se-ha todas as segundas feiras de cada semana, em folha de quatro paginas com uma estampa em separado, e os preços serão por trimestre 600 rs. por numero pago á entrega 50 rs. por numero avul-

so 80 rs. — As assignaturas e vendas fazem-se nas lojas do costume.

É sempre bem vindo um jornal qualquer, que tenha por fim a propagação de conhecimentos uteis; a Lithographia, se realisar o seu programma pode prestar valiosos serviços ao seu paiz e como tal bem merecer de seus compatriotas.

Desejamos-lhe do coração uma larga vida e um auspicioso futuro, de que esperamos se tornará digna pelos esforços das pessoas, que a redigirem e publicarem.

## ESBOÇOS CRITICOS.

### POETAS PORTUENSES.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

#### I

Entre nós não existe por certo esse genero de critica venal que o escriptor francez desenha em traços tão caracteristicos e epigrammaticos; critica que abre bazar de apotheoses e libellos na praça publica, que verbera ou engrandece o merito com a mesma insuficiencia de exame, com igual facilidade de consciencia com que corre a mostrar-se em todos os pontos onde entenda que deve erguer taboleta da sua importancia; que despresa, desdenhosa e insolente, as vocações nascentes, embora promettedoras d'um futuro brilhante, e se curva, bajuladora e servil, ante as reputações feitas e authorisadas pelas demonstrações irrecusaveis; que não lê, que não aprofunda, que tem como desnecessario estudar longo tempo para acertar n'um alvitre, para fundamentar uma censura; que receia de desperdiçar as faculdades mentaes na reflexão, na analyse, e por isso avalia os livros, não pelas suas qualidades litterarias, não pela magnitude e elevação de suas idéas, mas pela preponderancia social do seu author, pelas razões de probabilidade de uma recompensa, pelos motivos de antipathia ou affecto que o recommendem á sua consideração.

Este genero de critica — com ufania o dizemos — não apparece nesta terra senão por excepção. É planta exotica que não se dá bem com as condições naturaes do nosso solo e influencias climatericas, e que quando mesmo consegue brotar, a sua germinação não vae longe, porque a severidade da atmospheria que a rodeia a definha antes de chegar a fructificar e florescer.

Mas se não ha entre nós esta especie de critica, ha outra, que, sem ser tão indignamente aviltadora das melhores faculdades que elevam o homem a toda a altura da sua intelligencia, é comtudo quasi tão prejudicial como aquella, porque é igualmente injusta. Esta critica é a critica *amiga*, a quasi geral entre os nossos homens de letras, que se restringe a um certo circulo, acanhado e comesinho, e que fórma um mundo seu e especial dos elementos da sua estima, da sua intimidade, da sua predilecção; e que não vê mais nada de notavel, de esplendido, e de esperançoso além dos horizontes desse mundo creado pelas tendencias do seu coração, ou pelos habitos da sua convivencia; que não escuta, que não percebe sequer um echo symphatico ou harmonioso, fóra dessas eminencias que uma vez ergueu a sua imaginação, e que a tem como circumscripta a uma existencia convencional, dentro de cujos limites suppõe existir o universo inteiro e fóra nada.

Um tal genero de critica, genero a que algum espirito sarcasticamente epygrammatico chamará critica de *campanario*, e a que nós nos obstinaremos em chamarmos critica amiga, produz todavia nocivos resultados.

Assim concebida e realisada a melhor funcção que o saber e o gosto esclarecido, podem exercer junto do talento que nasce, para lhe apontar as veredas proprias ás tendencias e propenções da sua indole litteraria, e junto dos meritos já consagrados pela unanimidade das opiniões illustradas, para os instigar a novas manifestações, para indicar as suas bellezas, para os apresentar como modelos aos espiritos que se iniciam na ardua carreira das letras; assim conceber a critica, repetimos, é abnegar de uma grande faculdade, a mais poderosa, aquella que mais directamente deve influir na elaboração das verdadeiras qualidades das intelligencias, em que póde talvez residir um brilhante futuro.

Esta critica de selecção, esta critica de *camaraderie*, que — diga-se a verdade — quasi que não são os muros da capital, porque tem preguiça de emprender largas excursões, porque os habitos de uma intimidade, de uma domesticidade quasi patriarchal, a obrigam a contentar-se com o que se passa dentro da sua aldeia litteraria, e a fazer della a sua Athenas imaginaria, dá-nos assim o aspecto de um povo ainda em familia, ou, para melhor dizer, transporta as mesuras reciprocas e espartilhadas do viver provinciano para as regiões, onde deve predominar unicamente a etiqueta da razão, e a sympathia pelo engenho incontestavel.

Não se póde dizer que esta seja a regra invariavel. Felizmente ha espiritos eminentes entre nós que não se podem accommodar a esta existencia de estufa, e que saltam por cima desses Pyrinneos, a que um certo numero de aristarcos circumscreveram o dominio das letras deste paiz. E nessas divagações a que os levam as necessidades dos seus estudos ou os instinctos de uma analyse sincera, teem conhecido, que não é só nesta parte do reino que o talento desabrocha e floresce, mas que, pelo contrario, germina e fructifica por toda a parte onde as meditações e o estudo o preparam, e a censura illustrada o encaminha e proclama. Nós protestamos — dizemol-o abertamente — contra essa especie de critica, que mais parece a protestação de uma civilidade litteraria do que a apreciação dos dotes do verdadeiro talento. É por isso que não duvidamos passar das margens do Tejo ás ribas do Douro, por que vemos lá meritos apreciaveis, alguns apenas esboçados em ligeiras tentativas, bruxeleando ainda em tibios lampejos, mas outros desenvolvidos em todo o vigor da sua physionomia caracteristica, já authenticados por elevadas concepções, que se recommendam pela idéa e pela fórma. Transporemos estas balisas de convenção, e iremos saudar a vocação e o estudo onde se encontrem. Os nomes de Alexandre Braga, de Camillo Castello Branco, de Novaes e outros que seguem essas veredas de luz que conduzem ás creações serias, já constituem por certo um empenho para com a critica que tymbre na imparcialidade de seus juizos, por que dessa imparcialidade deriva o maior e mais fecundo principio da sua illustração.

As obras desta esperançosa cruzada, que tão emprehendedora e energica se mostra em suas ambições de um futuro melhor, e que em todas as produções firma, se póde dizer, com o sello do desejo ineffavel das grandes e nobres aspirações os seus

mais fugitivos vãos de imaginação, pedem que voltemos para aquelle ponto a attenção, e uma attenção seria. Assim como o vigor, a anciedade da vida industrial e economica desponta e se difunde do norte do reino, tambem a effervescencia de toda uma vida litteraria se evidencia para aquellas bandas, e com as suas tendencias, a sua indole especial; e physionomia propria. Estudal-a-hemos pois nas suas demonstrações mais cabaes. Faremos d'ellas uma analyse despretenciosa, mas justa em quanto em nós caiba.

(Continua.)

ANDRADE FERREIRA.

## ESTUDOS SOBRE A GUINÉ PORTUGUEZA.

### IX

(continuação.)

O que é a mulher. A mulher catholica, a philosopha, a livre. — A civilisação tem tambem fetiches: as musas que giram, e que fallam. — Os preparativos. — A nodosa de sangue. — Partida e viagens. — O que procuras? A luz. — Reconhecimento.

Ao silencio exterior respondia no interior de Kiangi uma lucta de pensamentos encontrados. A imaginação ainda occupada, agitada e possuida das sensações que recebera durante a scena que acabei de descrever, precipitava-se pelos espaços abertos diante d'ella, evocava as sombras mais sinistras e horri-veis, bordava-lhe um grande painel de perigos os mais horrorosos e medonhos: via Oudotó banhado em sangue, e cercado de fantasmas cujas feições não podia perceber, debatendo-se em luctas sem cessar renascentes, carregado de grilhões e marcado com o sinete do mercador: via a seus pés banhado em sangue, e cruelmente desfigurado o pobre filho que quasi não sentia mover-se-lhe no ventre: e via-se a si... mas não podia decifrar o que de si via: eram tudo sombras que se esvaeciam, e confundiam.

Pensando nisto, tive dó da pobre preta entregue aos seus terrores supersticiosos, que tinham origem na sua religião, e augmentavam em força pelo estado de sua alma. Aquella resignação heroica da esposa e da mãe, que accitava plenamente o sacrificio da sua tranquillidade, da sua pessoa, talvez mesmo até de sua vida; que fazia mais, que ia encontrar-se com elle para mais depressa se lhe offerecer, e que só punha uma condição — que o filho e o esposo fossem salvos, arrancou lagrimas aos meus olhos, que eu cuidava que eram já incapazes de chorar, e fez entrar no meu coração um sentimento que eu julgava não lhe ser mais accessivel depois que o manejo e a agitação e os cuidados dos negocios publicos me tinham arrojado para a vida toda positiva da politica, e arrancado aos gozos tão suaves, e tão saudozos da vida da alma. Com admiração minha chorei, palpitou-me no peito o coração agitado por uma affeição terna, e rompi na exclamação que acaba o capitulo antecedente, e que repetiu o meu interlocutor com toda a sinceridade: É que uma boa acção gosa do privilegio de captivar os respeitos e a sympathia de todos, mesmo d'aquelles que nos pareciam menos capazes, pelo seu egoismo, de a praticarem.

Ainda hoje, que são passados 8 annos depois que se me contou este facto, que estou extraindo dos meus apontamentos para a publicação destes estudos sobre uma parte tão importante como des-

conhecida e desprezada da monarchia portugueza; ainda hoje, não posso refrear os impetos do coração trasbordando de admiração, e ao mesmo tempo de magoa — de magoa por ver quantos nobres sentimentos eram perdidos por culpa d'uma religião viciosa; e a admiração provirá do nobre e legitimo orgulho da dignidade da raça humana, e do agradecimento devido ao seu creador, que tão bella a formou, que mesmo depois da sua queda é capaz de chegar a tal heroismo? Creio que sim, por que ainda hoje repito com a mesma e tão sincera espontaneidade.

Oh! mulher! como és heroica e sublime no teu amor! como és respeitavel quando virtuosa!

Ainda hoje, depois de tanto tempo, quando as impressões recebidas por esta narração devem estar mais enfraquecidas, e tendo presente na lembrança a historia desta pobre bajude quasi logo desde a infancia, quanto mais me demoro a pensar nos principaes actos da sua vida, mais me convenco de que era ella já catholica pelo coração e pelo sentimento, antes de ser pela intelligencia; porque não ha no mundo lugar mais proprio para a mulher que comprehende a sua missão neste mundo, nem onde a mulher comprehenda melhor essa missão do que a Igreja catholica.

No principio dos tempos, conta-nos o mais antigo livro que existe na terra, o Genesis, disse Deus: não é bom que o homem esteja só; demos-lhe uma *companheira* que se lhe assimilhe; e creou a primeira mulher formando-a da costella do primeiro homem.

Tal é a origem da mulher; tal é o titulo que legitima a sua existencia, que lhe assigna os seus deveres sobre a terra: onde achar um titulo mais augusto, onde um mais respeitavel! Nelle se encerram uma lei familiar, e uma lei social, sobre as quaes, assim como dous inabalaveis rochedos assenta e funciona a magestosa machina da sociedade do genero humano. Pela lei familiar quiz Deus que a mulher fosse nos diversos aspectos, e formas porque se nos apresenta, augusta, nobre, amavel e santa. Mãe, irmã, esposa, e filha: cada um destes aspectos, ou formas resume em si as quatro principaes fazes ou estados da vida do homem em que a mulher o dirige, o acompanha, o ameiga, e o serve: o nascimento, a adolescencia, a virilidade e a velhice. E pela lei social quiz Deus que a mulher fosse a vida, a perpetuidade, o progresso, o embellecimento das nações: tudo isto se contem nas poucas palavras que acabo de recordar; e qual de tudo isto é mais digno dos nossos respeitos, da nossa affeição, do nosso carinho, do nosso amor? Eu por mim não sei dizer-o; não sei dizer onde é que a mulher catholica é mais digna dos meus, se no seio da familia, se no meio da sociedade, actuando sempre pelo seu coração sobre o coração do homem para o fazer melhor.

O que sei, e assim mesmo parece-me que antes sentil-o do que expressal-o, é que Deus impez uma condição á mulher, que é preciso que ella preencha, se quer occupar dignamente o lugar que deve occupar na familia, e na sociedade: é indispensavel que ella seja *companheira do homem*. Este é o seu dever primordial, talvez poderemos dizer unico: donde dimanam todos os seus direitos, que não podem existir em these, que não existem de facto sempre que ella não sabe, ou não quer reconhecer e observar o preceito divino.

Mostra-nos a antiguidade bastantes mulheres, que foram homens, e não companheiras de homens, mas

essas, que são apenas excepções á regra geral, somente conseguiram excitar admiração, uma admiração que não tem nada de amor, antes alguma cousa de terror, como a que excitam os homens que chamamos heroes porque apoz de si trasiam a desolação, o terror e a morte; é uma admiração que cança e seca o coração, que o não engrandece, nem o deleita. E isso porque? porque a mulher foi creada para um ministerio d'amor, para auxiliar e não para submeter o homem; e esse auxilio hade ser não só para tudo o que diz respeito ás necessidades materiaes do mesmo homem, como egualmente, e em primeira linha, para tudo aquillo que se refere ás suas necessidades espirituaes e moraes; em todos os estados, em todas as condições em que possa achar-se. E isto leva-nos a considerá-la no seio da igreja catholica, porque é aqui que ella se nos apresenta como a mais bella, a mais interessante parte do genero humano, a mais digna do seu amor.

Com effeito, quem pode considerar a mulher catholica sem se sentir possuido de uma enternecida admiração por ella? É aqui, e só aqui, que vemos a mulher, como ella realmente é, não só no seu estado domestico, mas ao mesmo tempo no politico e religioso; não só auxiliar do homem, esposo e pae, mas tambem do homem, rei e sacerdote; porque independentemente da sua missão na familia, tem a mulher pelos preceitos de Deus, como disse, uma missão bem augusta e bem santa na igreja e no estado.

É na mulher catholica que nós vemos esse formoso epilogo de virtudes que nos encantam a nós homens, que faz com que a olhemos como um ente superior a nós, um semi-anjo, tanto mais digna de nossos respeitos quanto se nos affigura mais fraca: porque é a mulher catholica tambem a unica que reconhece e comprehende que tem deveres. É mesmo nesses deveres que ella encontra ás suas virtudes, que a cercam d'uma aureola tão resplandecente, que contentes nós outros de recebermos a claridade que refulge, nem nos atrevemos quasi a levantar os olhos para ella receando que nos cegue o seu brilhantismo, porque em summa, diante do sexo fragil reconhecemos que está em nós a verdadeira debilidade, que precisa do auxilio desta companheira que Deus nos deu, que as paixões dos homens tinham reduzido a escrava, e que achou na religião catholica e no culto da santa Virgem a sua reabilitação, pois foram ellas que lhe mostraram o papel que lhe estava designado no primitivo plano da criação, e que ainda lhe era dado reassumir.

Olhemos para ella na familia. Quem pôde negar que aqui é incalculavel a acção da mulher catholica? Ella é para assim me explicar o coração, que auxilia a cabeça, que é o homem. Ella é a bema-venturança do homem, porque com as suas virtudes dobra-lhe os annos da existencia, e ao mesmo tempo entorna sobre seus filhos uma torrente de beneficios. Não vive e não respira senão para elles; e depois de os ter trazido no seu seio por espaço de nove mezes, tral-os toda a vida no seu coração, parecendo-lhe impossivel que já não vivam de sua vida, pois que ella ainda vive da vida delles.

Engenhosa na sua ternura, ella cujas alegrias são as alegrias de seus filhos, que soffre em si quantas dores os molestam, tem consolações para todas as suas penas, remedios para todos os seus males: e quando não pôde cural-os, consegue ao menos suavisar os tormentos que os affligem. Sua mão delicada é tão prompta para os cuidados que o corpo reclama, como a sua palavra é insinuante para chegar até á alma:

só ella possui a arte de converter os preceitos em habitos virtuosos, as regras em sentimentos, e a verdade em amor.

Senhora dos corações ella é ainda o laço mais forte da familia; consola as afflicções do esposo, ou anima-lhe e augmenta as delicias, tempera e desarma os rigores do pae, convidando-o á clemencia para com o filho culpado; e protege-o a este, desculpa-o, admoesta-o, pede e obtem o seu perdão, doce medianoiro que emprega as lagrimas e os sorrisos, e que interpõe entre o reo e o juiz o seu carinho, que ambos amam com um amor tão santo e puro no seu fim, como differente na sua origem.

E diante de Deus quanto não é tambem poderosa a mediação da mãe catholica! suas orações, levadas pela fé e pelo amor, parece que chegam mais depressa aos pés do throno do Altissimo, d'onde caem convertidas em benções sobre o esposo e sobre os filhos.

Tal devia ser a missão da primeira mulher, no plano divino da criação; tal é a sua missão no plano da regeneração, realisado na Igreja Catholica!

Assim devia ser a mulher se o peccado não tivesse vindo alterar a economia da sociedade segundo o plano divino; assim foi ella na epocha das perseguições da Igreja nascente, em cujo tempo nos deixou sublimes lições; assim é ella ainda hoje quando a vemos no terreno exclusivamente catholico!

Agora que a vimos esposa e mãe, consideremol-a virgem, no seculo e fora d'elle; e conheceremos então quanto é ainda mais digna dos nossos respeitos, pois que mais ainda se nos mostra companheira e auxiliar do homem na obra da sua sanctificação e moralisação!

Bem sabemos que um sorriso de desdem acolherá estas nossas palavras. Os espiritos frivolos, aquelles que só da voluptuosidade recebem as suas inspirações, e que não sabem por isso comprehender como o catholicismo contribuiu a engrandecer a mulher pela virgindade, hão-de escarnecer-nos. Embora; os corações generosos, os espiritos solidos pensarão comnosco que pelo effeito da virgindade, a mulher não se apresenta mais aos vossos olhos como um mero instrumento de prazer; mas que sem se diminuir nenhum dos attractivos de que a dotou a natureza, ella, vestida com esta armadura não pôde recear que a tornem em objecto de desprezo e de nojo depois de a terem feito victima da libertinagem, aquelles que a cercam para seduzil-a.

*Continua.)*

Sousa Monteiro.

## AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.